

RODRIGO PETRONIO

8 poemas

OS HOMENS CARREGAM SUAS SOMBRAS

Os homens carregam suas sombras.
Afundam na madrugada com todas as suas estrelas.

Não conheço minha carne.
Não sou dono das sílabas que meus lábios subtraem ao eclipse e às chamas verdes
destas árvores.

Marcho pelo céu e me detenho vazio de corpo e alma
Diante dos deuses que se suicidam no abismo.
Toda eternidade me é contrária e só sou eu mesmo naquilo que líquido.
A benevolência cresce em mim como uma praga.
E o amor só se realiza como acerto de meus passos mal desenhados e malditos.

Cavalos me despertam.
Ultrapassam minha sede e minha espécie rumo ao nada.
Não há água que limpe a sujeira de minhas mãos e de minha raça.
A clareira dos abutres já me espera.
Homenagem lunar tatuada em minhas chagas.
Círculo monótono de pés e de gravetos fremem em meu coração
Enquanto as paredes podres se destacam de meu sangue enferrujado.

E eu assisto indiferente
À procissão de vermes que deixam minha existência bem mais leve
E coroam a minha cabeça abençoada.

Meu rosto é esse espaço.
Inauguro a minha fala entre essas rezes.
Não sou o sopro liberto com as palavras
Nem a glória que se eleva fugaz
Ave solta de meu pulso aberto e minhas palmas.

Eu sou o Homem.
E agora me ajoelho contrito ante o sol negro em minha prece.

ESTAREI AQUI QUANDO O QUARTO SE APAGAR

Estarei aqui quando o quarto se apagar.
Movo este vaso de sombra, esta rosa de cinzas,
Os pulmões plenos respiram a água destas raízes.
Correrei na brisa quando nada mais houver.
Porque tudo desliza: o barco pelo sangue.
O planeta pela órbita da tinta e a tela pela vinha.
A perfeição suja toda a beleza com seus pés gelados.
Prosseguirei sem nome ou deus, flauta destacada de uma vítima.
Serei sempre esse jardim, essa tranquilidade habitando as ametistas.
Mesmo depois. Quando nada mais houver.
Serei o silêncio recolhendo um coração maduro.
O perfil talhado pelo arbusto.
Foto antiga: musgo verde-oliva mastigando a enseada.

RETRATOS RUPESTRES

I

Vi-o por uma janela verde:

Meu pai recolhia a bosta do tempo para adubo.

Ele trotava.

Imprimia em cada flor sua pisada.

Por mais que quisesse correr à frente

A rédea se enredava pelos dentes e a mão esquerda de Deus imperiosa o puxava.

Hoje tenho sua face: fonte viva retirada de uma taça.

Estou livre e negativo como as asas de uma pedra a quem tirassem o dia.

E ele caminha sorridente pela casa.

A cada relincho a chuva freme suas esporas pela tarde.

A solidão nos une contra a morte, oculta a minha origem e me embaralha.

E o meu amor aumenta na proporção do feno a cavalgadas.

II

A cabeça de índio da minha avó é branca.

Fruto de terra clara ou queda de alguma estrela.

A lua é branca quando bebida pelas rosas.

Escuda-se no cajado pra não se afogar na memória.

No quintal meu avô pica tabaco nos joelhos.

O chapéu sustenta a rotação do mundo

E as enguias estelares rolam ao largo de suas abas sem princípio nem começo.

O sol a pino se retesa, orquídea sobre sua nuca acesa.

Carne concentrada, vaso terroso,

Efígie silenciosa que inaugura algum planeta.

A oração vem da sala.

O sopro do fumo do quintal.

Ao meio-dia em ponto o sol e a lua se sentam à mesa.

Mais uma vez recomeça o ciclo universal.

PORQUE TUDO QUE É VIVO É SEM MOLDURA

Porque tudo que é vivo é sem moldura.

Pelo ventre escarlate (disco azul do fogo) que a tarde esculpe em ouro sob tuas patas lupinas.

Estou aqui: escrito no vaivém de tuas espáduas repartidas.

Como a frase sem fala das facas e os animais de purpurina.

A cama ainda pressente a carne farejada, vestígio, sêmen.

E isto é o poema, silêncio rasgado pelo murmúrio das vozes mais antigas.

A água circula na fundação de um mundo:

O resto é mentira, máscara de sombra, chafariz, pênis de pedra.

Vinho sem vinha.

Por tudo o que não cabe na paisagem e adere à tela.

Quadrante, liberdade, sina.

Buraco na cabeça de uma estátua pelo qual a água solar desfila sua linfa.

O poema encontra paz sem o poeta.

Fímbrias na granulação da pele, grasnir de gruta, a espessura da maçã.

Hialina.

A tinta voltando enfim ao corpo se liberta.

Da arte. Da solidão. Dos bons modos. Do intelecto.

De toda a nomenclatura que mofa os livros e as ervas.

A palavra escorrega.

Retorna ao seio vegetal.

Omoplatas abertas pelos cílios do sol: ouro.

Não é a verdade o que flui tranquilo pela boca dos homens feito esgoto.

Dia-a-dia morno, mormaço, fedor plastificado de um deus morto.

Não é consentimento o que adere suave ao outono e nos salva da agressão feliz de suas sépalas.

Crime distribuído em casa pelos polvos do poder, gosma e adubo.

Mas o rosto sem frente, todo ele espaço e música.

Tudo o que fende a moldura do dia.

Asa, bicho, canto, nomes esculpidos em seda.

Este é o poema. Teu sexo. Minha alma.

Corpo entrelaçado nas veias, constelação analfabeta.

A poesia: morte na luz.

Porque morrer é sua vocação.

Aquilo que a faz ser bem mais bela.

ENTERREM MINHA ALMA EM ALGUM LUGAR SEM LUZ

Enterrem minha alma em algum lugar sem luz.

Caminharei sem sombra pelos poços da noite entre galhos retorcidos e o ar escasso.

Pergaminho vivo, serei feliz sem nome, rosa túmida avessa ao ser,

Pela própria aniquilação embriagada.

Respirarei o espaço e as estrelas apagadas que unificam minha carne.

Não quero testemunhas. Livrem-se do meu cadáver.

O rebentar de uma só flor já me basta de homenagem.

Que todos os olhos se ceguem e todas as mãos sejam ceifadas.

E eu mastigado pela água em seu ranger de líquidos estalos.

O relógio das casas e sua oração de sinos quebrados.

Meu dorso não suporta o chicote de seus salmos.

À hora grave o sol engole todas essas planícies sem memória.

E somos tocados pela brisa delicada dos mortos.

Não há guerra nem renovação neste mundo limpo.

Não há nada mais sujo do que uma pessoa honrada.

Todos estão do lado da beleza. Todos estão salvos.

Vítimas se multiplicam e não há algozes entre estes ratos.

Senhor, dá-me teu doce flagelo.
Concede-me a honra de ser dentre os assassinos o mais baixo.
Para que a ferida expila o seu tubérculo na relva.
E nos desperte do sono miserável de nossas obras e nossos quartos.

Só tu, terra devastada que espelha o céu.
Só tu, oásis, beleza sepultada de Deus, onde brotam rosas violentas.
Só tu podes redimir nossa pobreza.
Na decomposição de minhas células serei finalmente unificado.
Aquieta-te, deusa primeira.
E bebe este vaso de sangue em teus poros.
Dá-me o halo de tua glória, celeste, miserável.

ANTÍTESE

O poema me espera, fora de mim,
Para que eu me realize nele.
A sua falta de essência me completa,
E o que nele sobra me extravasa:
Transbordo em seu sinal de menos:
Sua ausência de ser é minha casa.
Sustenho seu corpo, sem mistério.
Adentro seu espaço, sem pegadas.
Encontro-o quando perco o centro.
Menor que a parte, ele não me abarca.
Maior que o todo, ele é meu avesso.
Não é o mundo o que ele me revela.
Não é a mim mesmo que nele procuro.
Não é a poesia o que ele desperta.
Mas o hiato que vai da ideia à fala
Onde o coração bate mais livre.

Mergulhado na matéria mais precária,
Pulsa em nós ao ritmo da estrela
Tanto mais imortal em quanto vive,
Eternidade da luz que se apaga.
Isento da palavra que o aprisiona,
Alheio ao conceito que o mutila,
Imerso em cada coisa que o transcende,
Mergulhado no mundo sem limite:
Vou ao poema, retorno ao nada:
A voz me liberta de minha alma
E assim eu sou o Outro que me habita.

DA PAIXÃO

Eis-me aqui: a mesa, a ordem das coisas.
Nunca a falta de amor foi mais clara.
Vem, chacal. Repasto de feras, meu coração aguarda, meu corpo se abre de leste a oeste para o teu solstício.
Aqui estou: altar negro esculpido pela delicadeza das ervas.
Um dilúvio se incumbe de varrer meus restos.

Mas tu ainda brilha, sempre.
Copo de lírio, vermelho vivo aceso na cama, gesto a gesto:
Meu peito, tua face, o ouro, o verbo.
Acarício grão a grão a página solar da pele.
A casa se abre, a luz, uma fresta.
E vejo-te aqui, à minha frente, ao alcance da fala: pausada, hesitante, eterna.

Não contemplarei as pegadas, resíduos, fotos tardias.
Sofro pela miséria não compartilhada.
Por perfeição perdi o que em mim falta e em ti sobeja:

Amor, finitude, instantes trançados em musgo, pedras desenhando pedras.

Eu: triturado pela engrenagem dos dias.

Tu: clareira nascida no momento mais triste da minha vida.

Animal ferido, maculei tua face com minha queda.

Peço perdão, o perdão das feras, culpadas e cegas,

Enquanto o flamingo atinge a glória da lua em sua extinção.

Sei das palavras, a linguagem dita no escuro.

Murmúrios tramados em nossa caverna:

A transpiração da tua flor em cada uma das minhas células.

Sei que isso ainda vive, se conserva em um quadrante do tempo:

Vazante, amor: a despedida é infinita, nunca se completa.

Ouçó teus passos, a respiração, teus olhos firmes e entregues.

Não há reparação, tu sabes.

Mas mesmo assim vens pela noite, navegas meu sangue, meu sêmen, ressurrecta.

Sim: abaixo de toda a baixeza, estou sujo. Pregado.

Entre bandidos, o Senhor me abandonou – ainda vivo.

Clamo ao sol: aprofunda esta ferida, esta lepra, escave-a.

Cuspa em minha face e pise minhas vértebras.

E eu possa cumprir a minha consumação, a tua felicidade.

Mãos de cinzas, a cabeça aberta.

Peço-te o perdão da estátua, pobre em sua geometria, agônica.

Morigerante e certa demais para as formas vivas da luz.

A redenção do mal reconhece o mal, um beijo em tua boca – amada, antiga, redescoberta.

Uma vez e tudo já foi dito.

Uma vez e tudo já foi feito.

Plenitude, amor.

Acredite: apenas isso é o que meus passos errantes sempre quiseram:

Meu sexo no teu sexo.

Isso é tudo o que eu quis e ainda quero.

Louco, translúcido, nu e sem nome, abjeto – rezo.

Peço-te um dia a mais sobre a terra.

Tua mão, teu corpo, o deserto.

MEIO-DIA

I

Subsisto porque a carne não tem nome.

E onde busco Deus só encontro falha.

A poesia se desdobra entre a luz e o cadafalso.

O sol logo nos preme contra o espelho.

E nem todos os homens já nasceram.

Não estamos vivos. Morte e máscara.

A renúncia ao mundo é mais tranquila

Quanto menos em mim o mundo arda.

Mas no coração da pedra a água brota.

Urgência de amor. Líquida flor de magma.

Cada passo inscreve uma lápide no abismo.

Uma vez: basta. Uma só vez. Basta.

Apenas respirar o monumento vivo

Que entre meus membros se dissolve.

Pelas veias flui sua nuvem rápida.

Adelgaça meu pulmão e me dilata.

Depois virá a Estrangeira. Romper-me a fala.

Dar-me a razão de tempo que me falta.

E é pra ela que somente existo, Senhor.

Salvação da minha carne e minha alma.

A paz me acolhe em um nada além do nada.

II

Entre a luz e o sem-nome sei que habito.
Matéria viva ainda a ser inaugurada.
Entre o que sobra à asa e falta ao mito.
Recolho-me: a água solar me guarda.
Muitos séculos eclodem em meu canto.
Aurora de broquéis, sonhos de espada.
O sangue em torrente me atravessa.
O que não sei de mim não me ultrapassa.
O sol brota em meu peito, pulso e casa.
Ó artérias, templo em combustão, espaço virgem.
As árvores conservam a pura duração.
Ó seiva verde que em meu corpo destilo.
A história de cada passo sobre a terra.
O beijo em si de cada beijo dado.
Aniquilo-me para poder suportá-los.
Para retê-los em minhas mãos desde a origem.
Morro pelo amor para nunca ser perdoado.
Sou a flora que explode e sua semente.
Um peregrino maldito, anjo sem halo.
O fruto ingente, tudo o que já foi realizado.
O país onde começa e morre todo mundo.
O passado e o porvir em mim eu trago.
Porque eu sou um ponto. Não o arco.
Sou o que falta a Deus e a seu contrário.

III

Fincado neste chão sou sem limite.
Entre a ideia da luz e uma tocha apagada.
Precário meu amor. Tudo é precário.
Pobre a minha virtude porque meu ódio é fraco.
Clamo por um sol que queime e não ilumine.
Aqueça minha garganta desde o talo.
A salvação só acolhe os desregrados.

Quem em fogo e excesso queima e brilha.
O resto é pantomima. Suor e salário.
Cadáver adiado e mortos que procriam.
Afundo os pés na relva ilimitada.
Sua falta de horizonte me alimenta.
O infinito só redime o que em si mata.
Seu espelho terroso me renova.
Para que a morte cumpra sua alquimia.
Estou aqui. Uma só vez é o que nos destina.
Equidistante de Deus e da mortalidade.
Ela me salva para que Ele me ilumine.

Rodrigo Petronio nasceu em 1975, em São Paulo. É editor, escritor e professor. Formado em Letras Clássicas e Vernáculas pela USP. Professor do curso de Criação Literária da Academia Internacional de Cinema (AIC), professor-coordenador do Centro de Estudos Cavalo Azul, fundado pela poeta Dora Ferreira da Silva, e coordenador de grupos de leitura do Instituto Fernand Braudel. Trabalha no mercado editorial há mais de dez anos e colabora para diversos veículos da imprensa. É autor dos livros *História Natural* (poemas, 2000), *Transversal do Tempo* (ensaios, 2002) e *Assinatura do Sol* (poemas, 2005), este último publicado em Portugal, e organizou com a poeta Rosa Alice Branco o livro ***Animal Olhar*** (Escrituras, 2005), primeira antologia do poeta português António Ramos Rosa publicada no Brasil. Lançou, pela editora A Girafa, o livro de poemas ***Pedra de Luz***, finalista do Prêmio Jabuti 2006. Foi congratulado com o Prêmio Nacional ALB/Braskem de 2007, com a obra *Venho de um País Selvagem*, publicada em abril de 2009.